

FAÇAMOS BOA CARA AO MAU TEMPO

por Mário Soares

Entrámos num mundo de transição. Nada está ganho nem nada está perdido. Concentremo-nos na Europa, nossa pátria colectiva. Não vai nada bem. O mundo em geral, de resto, também está em ebulição, numa fase bem difícil e perigosa. Mas a Europa era para o mundo uma referência: de democracia, de bem-estar, de justiça social, de respeito pelos Direitos Humanos, de desenvolvimento sustentado, para defesa de um Planeta ameaçado. Deixou de ser? Em boa parte teremos de responder: deixou. O capitalismo financeiro, a economia virtual e os loucos mercados especulativos estão a corroer os valores europeus e, talvez, a própria Democracia.

As pessoas, e não só as mais pobres, estão cada vez em pior situação. São também as das chamadas classes médias, que estão a perder as perspectivas e a ficar desesperadas. Compreende-se. São situações muito preocupantes. Mas quem paga não são os ricos: são sempre os pobres.

Será que a Europa enlouqueceu? É o título de um belo artigo escrito pelo director do Jornal do Fundão, Fernando Paulouro Neves, que cita a começar um poema de Nuno Júdice, curiosamente de 2008, que diz: "... A Europa enlouqueceu/e pede que a fechem/para que ninguém/acredite no que ela diz..."

Paulouro Neves vai mais longe e lembra o grande Presidente americano, Franklin Roosevelt, que viveu e venceu, como se sabe, a crise de 1929/31, a qual esteve na origem do nazismo. Disse ele: "ser governado pelo dinheiro organizado é tão perigoso como pelo crime organizado". Tinha razão. O capitalismo desregulado, em tempo de globalização e sem ética nem valores, está a promover, seguramente sem o querer, a criminalidade, o mal-estar social e os conflitos entre pessoas e Estados. Um caminho perigoso que nos pode conduzir a uma nova guerra. Conclusão: é preciso reagir e com urgência. Enquanto é tempo!

Como? Stéphane Hessel, o autor do "Indignai-vos", que tive a honra de apresentar, na conferência e no lançamento do livro que fez, na Fundação Mário Soares, com os movimentos que provocou por toda a Europa, chegou à conclusão que não basta indignarmo-nos. É verdade. É preciso ir mais além. Escreve Stéphane Hessel, num livro recente, publicado em parceria com um jovem de 25 anos, Gilles Vanderpooten, intitulado "Empenhai-vos!". É certo. É urgente agir para evitar o pior, ou seja: A catástrofe europeia e o fim do euro, com as suas deploráveis consequências. Agir concertadamente, organizando-nos para podermos intervir colectivamente de modo a mudar o caminho da União Europeia, voltando aos valores e ideais com que foi criada.

Cito Hessel: "é preciso saber dizer não ao que está mal. Denunciar, Protestar, Resistir. Mas também dizer sim. Agir, combater, participar na insurreição pacífica que nos permita dar resposta a um mundo que não nos agrada. Numa palavra, empenharmo-nos". E mais adiante:" As alternativas existem: temos a possibilidade de engendrar os caminhos de um mundo mais bem governado".

Para tanto, é preciso defender a democracia que, em termos europeus, está a ser destruída. As instituições europeias estão paralisadas e a dupla Merkozy parece querer governar, sem prestar contas aos outros parceiros europeus, pelo menos da zona euro, a que Portugal tem o orgulho de pertencer. Não é aceitável! É por isso que é preciso protestar.

Por mim, há muito tempo que aprendi que não há democracia sem partidos políticos, porque as democracias de partido único, como houve no pós-guerra, nos países de Leste, foram tão só ditaduras. Pelo contrário, as democracias que estão na base da construção da CEE e depois da União Europeia, foram democracias pluripartidárias, sendo que a sua espinha dorsal foram duas famílias político-ideológicas: os partidos democratas cristãos e os partidos socialistas (ou social-democratas ou trabalhistas).

Sucede que hoje essas duas famílias políticas estão praticamente extintas: só há partidos populares e neo-liberais a governar, que - note-se - nos arrastaram para a situação em que estamos. Com efeito, a União Europeia é hoje governada por partidos ultra-conservadores, sem visão democrática e sem valores éticos, que só pensam no dinheiro e, por isso, obedecem cegamente às imposições dos mercados especulativos.

Não creio que valha a pena, no deserto ético e político, em que nos encontramos, fundar novos partidos. Não só não são necessários como podem ser contraproducentes. Mas é urgente refundar os

que temos ainda e se autodestruíram, por pressão da chamada terceira via ou por abandono da doutrina social da Igreja, que foi considerada, após o Concílio Vaticano II, como algo do passado. O que não é, creio, apesar das actualizações que são necessárias. A luta contra as tremendas desigualdades sociais, que constituem, para certos países, como Portugal, depois da Revolução dos Cravos, uma vergonha, é a demonstração disso. Bem como a situação dos católicos que, deslumbrados pelo capitalismo selvagem, esqueceram os grandes princípios da doutrina social da Igreja. Como os socialistas, pela mesma razão, se encantaram com a "terceira via", que os conduziu a idênticos resultados. É, pois, necessário que essas duas famílias políticas repensem as suas ideologias e voltem aos valores ético-políticos que estão na origem do seu poder e do mito do projecto político europeu. Se possível em associação com os verdes e com os que professem os mesmos valores: culto da paz; aprofundamento democrático; desenvolvimento da justiça social; combate contra as desigualdades e a corrupção; luta contra o desemprego; defesa das ameaças que pesam sobre o nosso Planeta.

Reconheçamos que a União Europeia tem vindo progressivamente, nos últimos anos, a perder os seus valores e daí a profunda decadência em que se encontra. Como disseram Schmidt, Kohl, Delors e alguns outros políticos bem conhecidos mas que não estão no activo, por razões de idade ou outras. A nossa Europa está à beira do abismo. É preciso evitar que esse salto perigosíssimo venha a dar-se, em benefício dos europeus - de todos os seus Estados - mas também dos não europeus, com sentido da responsabilidade.

Para isso, é preciso também perder o medo. Lutar com a mesma energia e convicção com que o fizemos contra o nazi-fascismo e os outros totalitarismos. Quando a leitura de Hannah Arendt nos ensinou o que foram, no século passado, os totalitarismos de vários tipos que nos afectaram. Federico Mayor Zaragoza, ex-Director-Geral da UNESCO, onde realizou uma acção excepcional e homem político e de grandes Causas - e que é também poeta - acaba de publicar um livro de poesia "Donde no Habite el Miedo", em parceria com María Novo. É um livro lindíssimo - pelo conteúdo dos poemas e pela beleza da apresentação - que reflecte e repudia o medo da primeira à última linha. Efectivamente, coragem e determinação, precisam-se para salvar a Europa.

Ao contrário da Europa, a América do Norte, de Barack Obama, está a dar um salto em frente considerável, no sentido do progresso da sua economia e da redução do número de desempregados. Se assim continuar, nos próximos meses, é provável que Barack Obama não tenha problemas em ganhar as eleições para os próximos 4 anos. Até porque os candidatos republicanos, religiosos ou não, extremistas ou mais moderados carecem de um discurso lógico que possa convencer o eleitorado americano médio. Se assim for, Obama volta a ganhar, para um segundo mandato, o que é uma excelente coisa para a América, para a Europa e para o Mundo.

Abriu-se, assim, nas últimas semanas, uma réstia de esperança que importa alimentar, com realismo. Num mundo que surge como tão pessimista, em todos os Continentes, quando a China parece estar em dificuldades, como aliás, mais tarde ou mais cedo, eram previsíveis, e a Rússia começa a saber o que são grandes manifestações populares, que põem em causa o regime autocrático de Putin e, por toda a parte, surge a incerteza quanto ao futuro próximo, talvez com a única excepção da Ibero América, com destaque para o Brasil, o país líder desse sub-Continente.

Tenhamos pois nós, europeus, esperança num futuro melhor, de que bem precisamos. Apesar das dificuldades que estão a fustigar os grandes Estados - a Itália e a Espanha - e que se fazem sentir em países como a Alemanha e a França. À quelque chose malheur est bon, como dizem os franceses.

Lisboa, 10 de Janeiro de 2012